

# MÚSICA E ECOLOGIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Carlos Alberto Pereira Silva\*

## RESUMO

Este artigo reflete sobre as relações entre música e ecologia no Brasil contemporâneo. Industrialização, urbanização acelerada, aumento da riqueza material, expansão da sociedade de consumo, estímulo à competição e degradação ambiental configuram as múltiplas dimensões do desenvolvimento ocorrido no Brasil nas últimas décadas. Durante este triste-alegre tempo, a canção esteve em, praticamente, todos os lugares: rádios, televisores, cinemas, templos, terreiros, lares, estádios, teatros, automóveis, feiras, praças, academias, shoppings, dentre outros tantos espaços. Múltiplos foram os temas abordados pelos compositores nos mais diversificados gêneros, estilos e linguagens musicais: vários compositores criaram inúmeras canções que versaram sobre as aventuras e desventuras do amor romântico, sobre as belezas naturais do nosso país tropical, sobre o autoritarismo reinante na política e, também, sobre os problemas ecológicos gerados pelo desenvolvimento industrial. Animados por uma tensão vibrante e pela energia apaixonada, os artistas alargaram os entendimentos dos múltiplos acontecimentos, fenômenos e processos através do emprego da imaginação, que ainda é negligenciada pelo pensamento científico. Ao incorporar a premissa de que a arte cria “um conhecimento mais profundo e verdadeiro da essência do mundo”, conforme anuncia Arthur Schopenhauer, o objetivo deste trabalho, portanto, é destacar a crítica poética descortinada por compositores brasileiros, através de suas canções, à exploração predatória da natureza.

## **PALAVRAS-CHAVES: Desenvolvimento industrial. Meio ambiente. Canção**

O século XXI inicia-se repleto de problemas que devem ser enfrentados urgentemente. Entre os problemas existentes destacam-se os problemas ambientais derivados das ações predatórias praticadas por uma grande parte da sociedade planetária. Encantadas com a falsa crença na existência da separação entre a natureza e a cultura, ao assumirem a presunçosa condição de possuidoras da natureza, parcelas da humanidade têm colocado em risco a sobrevivência da própria espécie. Numa ousada reflexão cuja centralidade é a explicitação de que “jamais fomos modernos”, por convivermos permanentemente com a hibridez entre o natural e o cultural, Latour (1994, p.14) nos informa que “as naturezas que deveriam ser dominadas de forma

---

\* Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenador do Laboratório Transdisciplinar de Estudos em Complexidade. E-mail: [kk.uesb@gmail.com](mailto:kk.uesb@gmail.com)

absoluta nos dominam igualmente de forma global, ameaçando a todos. Estranha dialética esta que faz do escravo dominado o mestre e o dono do homem”.

Problemas ambientais fazem parte da história da humanidade desde os primórdios. Entretanto, nos últimos dois séculos, os problemas aumentaram consideravelmente devido ao desenvolvimento de economias baseadas na industrialização. A partir da Revolução Industrial, que ocorreu inicialmente na Inglaterra no final do século XVIII e foi impulsionada pela crescente utilização de máquinas no processo produtivo, a produção de bens materiais cresceu vertiginosamente. Simultaneamente à expansão do desenvolvimento industrial, conforme diz Nicolescu (1999, p.61), a concepção mecanicista, que “concebe a Natureza não como um organismo, mas como uma máquina, a qual basta desmontar peça por peça para possuí-la inteiramente”, triunfou. Ao ser dessacralizada por uma concepção que estava plenamente de acordo com a busca do aumento da riqueza material, conforme denuncia Shiva (2000, p. 300), a natureza terminou sendo considerada um “repositório de matérias primas que aguardam sua transformação em insumos para a produção de mercadorias”.

O desenvolvimento industrial, que não ficou restrito às nações pertencentes ao continente europeu, possibilitou muitas inovações tecnológicas, diversas descobertas científicas, crescentes migrações das áreas rurais para os espaços urbanos e crescimento econômico em vários países. Conforme sublinham Morin e Kern (2002), ao refletirem sobre os múltiplos problemas que resultaram na “agonia planetária” do tempo presente, os séculos XIX e XX foram séculos nos quais a técnica, a indústria e a ciência passaram a ocupar um lugar central na vida dos povos ocidentais.

No século XX, com a expansão do industrialismo e da sociedade de consumo, o meio ambiente sofreu mais agressões do que em todos os séculos anteriores. Neste século, homens, animados pela desenfreada busca do desenvolvimento, foram capazes de esvaziar um mar. Em 1918, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o governo bolchevique decretou que as águas dos afluentes do mar de Aral fossem desviadas para servir à revolução socialista com a irrigação de gigantescas plantações de algodão. Tragicamente, alguns anos depois, ocorreu o desastre: o mar começou a esvaziar e o ambiente que antes era preenchido por água transformou-se num deserto salgado. Diversas espécies de peixes desapareceram e problemas climáticos, como os invernos gélidos e os verões infernais, atingiram drasticamente aproximadamente 35 milhões de habitantes daquela região. Como destaca Morin (2000, p.44), ao refletir

acerca da tragédia do mar de Aral, essa é mais uma demonstração de que “a falsa racionalidade, isto é, a racionalização abstrata e unidimensional, triunfa sobre as terras”.

Durante o século XX, com o advento da energia nuclear houve um agravamento dos problemas ambientais, porque a utilização das substâncias radioativas necessárias à produção de energia trouxe perigo ao meio ambiente e aos seres vivos. Um dos danos causados pela geração da energia nuclear ocorreu em 1986, na cidade de Tchernobyl na Ucrânia, quando um reator explodiu espalhando a radioatividade por milhares de quilômetros, gerando uma severa contaminação naquela localidade.

Outro grande impacto causado ao meio ambiente teve origem na “Revolução Verde”, ocorrida na segunda metade do século XX, que objetivava aumentar a produção agrícola mundial através da criação e multiplicação de sementes de alta produtividade. Em razão da maciça utilização de fungicidas, inseticidas, herbicidas e fertilizantes, os solos passaram a receber grandes cargas de produtos químicos. Tal fenômeno contribuiu para a poluição de rios e lençóis freáticos e destruição de cadeias biológicas de microorganismos e de insetos, necessárias à reprodução da vida nos diversos ecossistemas.

Estas ações, ao estarem fundamentadas no ingênuo e ilusório entendimento de que o homem era capaz de dominar a natureza, causaram significativos danos ambientais no planeta terra. Portanto, em virtude deste entendimento, a humanidade inicia o século XXI mergulhada numa crise ecológica multidimensional, porque muitos terráqueos incorporaram a assertiva de Francis Bacon que diz: "devemos subjugar a natureza, pressioná-la para entregar seus segredos, amarrá-la a nosso serviço e fazê-la nossa escrava”.

Integrado à dinâmica do moderno industrialismo, o desenvolvimento ocorrido no Brasil, especialmente a partir da segunda metade do século XX, alicerçou-se na busca do crescimento econômico, na urbanização acelerada e na expansão da sociedade de consumo. Em contraste com o aumento da riqueza material, propiciada pela industrialização, o Brasil foi configurando-se como uma nação preenchida por graves problemas socioambientais. No campo, a estrutura fundiária continuou sendo caracterizada pela existência da concentração de terras sob o domínio das “novas” elites e, nas cidades, o fenômeno da exclusão social ganhou visibilidade. No que diz respeito ao meio ambiente, poluições das águas, poluição do ar, desmatamentos, assoreamento dos rios, redução da diversidade vegetal e animal passaram a fazer parte da realidade brasileira.

É dentro deste contexto recortado pela “ambivalência de uma história doce-azeda”, como define Bedárida (2002, 219), que emergem as preocupações ecológicas no Brasil. Sintonizados com as transformações em curso, muitos compositores brasileiros denunciaram a exploração predatória da natureza, contribuindo poeticamente para o avanço da consciência ecológica no país. Atento a estas transformações, o compositor Rosemberg Oliveira, na canção “O mundo cidade”, descreveu o cenário erguido com o desenvolvimento:

Caminho numa floresta  
De árvores de concreto  
No asfalto escuro e ardente  
Sem ver o céu azul  
Olhando nas vitrines enfeitadas vejo  
Manequins dando risadas  
Feito pássaros depenados e nus...  
Das janelas, meio fumaça, só  
Os olhares dos espectros do Rio de Janeiro,  
Bairro de Istambul

Mundialmente conhecido por suas belezas naturais, ao ser seduzido pela lógica do crescimento econômico a qualquer custo, o Brasil experimentou a intensificação do processo de destruição das suas exuberantes florestas e matas seculares. A Mata Atlântica, o Cerrado e a Floresta Amazônica, espaços caracterizados pela abundante biodiversidade animal e vegetal, foram progressivamente sendo transformadas em fazendas de criação de gado, em áreas dedicadas à produção agrícola monocultural e em “terras sem lei” onde madeireiros cortam “em segundos o que gasta tempo prá vingar”.

Na época da ditadura militar, em consonância com a excludente e autoritária obsessão desenvolvimentista, o governo federal entusiasticamente concedeu a senha para os desmatamentos, ao propagar que “muitas pessoas estão sendo capazes, hoje, de tirar proveito das riquezas da Amazônia”. Conforme registra iconograficamente Martins (1998, p. 665), essa era a ordem ditada numa propaganda publicada em 1970, na Revista Veja, pelo Ministério do Interior: “Enriqueça junto com o Brasil”. “Chega de lendas, vamos faturar!”.

Ao refletir acerca da insensata “opção brasileira” pelo desenvolvimento industrial predatório, excludente e consumista, Augusto Jatobá, no ano de 1981, em uma triste-bela canção definiu, sem meias palavras, a perda da diversidade vegetal como uma verdadeira “Matança”:

De nada vale tanto esforço do meu canto  
Pra nosso espanto tanta mata haja vão matar  
Tal mata atlântica e a próxima amazônica  
Arvoredos seculares impossível replantar

Que triste sina teve o cedro nosso primo  
Desde menino que eu nem gosto de falar  
Depois de tanto sofrimento seu destino  
Virou tamborete, mesa, cadeira, balcão de bar  
Quem por acaso ouviu falar da sucupira

Parece até mentira que o jacarandá  
Antes de virar poltrona, porta, armário  
Morar no dicionário, vida-eterna, milenar

Quem hoje é vivo corre perigo  
E os inimigos do verde, da sombra o ar  
Que se respira  
E a clorofila das matas virgens  
Destruídas vão lembrar

Geradora de múltiplos e inter-relacionados impactos socioambientais, a aposta na industrialização e no crescimento econômico ilimitado possibilitou o densenraizamento cultural de populações nativas e a intensificação dos conflitos entre distintas classes e segmentos sociais. Ao mesmo tempo em que o compositor Augusto Jatobá descrevia a matança dos “arvoredos seculares”, Vital Farias denunciava os problemas multidimensionais derivados da anunciada devastação da floresta amazônica:

Mas o dragão continua a floresta devorar  
E quem habita essa mata, prá onde vai se mudar?  
Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá  
Tartaruga, pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura

No lugar que havia mata, hoje há perseguição  
Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão  
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão  
Afora os que já morreram como ave-de-arribação  
Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova  
Gente enterrada no chão

Pois mataram índio que matou grileiro que matou posseiro  
Disse um castanheiro para um seringueiro que um estrangeiro  
Roubou seu lugar

Em meados da década de 1970, em consonância com o objetivo de promover o progresso desenvolvimentista, o governo brasileiro fez o sertão da Bahia “virar mar”, ao inundar os municípios de Remanso, Sento Sé, Pilão Arcado, Sobradinho, Casa Nova,

para a construção de uma represa da Companhia Hidroelétrica do São Francisco. Em 1977, indignados com o desalojamento de milhares de pessoas que moravam naquelas localidades, Sá e Guarabira, ao cantarem “Sobradinho”, explicitaram a descrença em relação às promessas do desenvolvimento:

O homem chega e já desfaz a natureza  
Tira a gente põe represa, diz que tudo vai mudar  
O São Francisco lá prá cima da Bahia  
Diz que dia menos dia vai subir bem devagar  
E passo a passo vai cumprindo a profecia  
Do beato que dizia que o sertão ia alagar  
O sertão vai virar mar  
Dá no coração  
O medo que algum dia  
O mar também vire sertão

O ambiente aquático, preenchido por inúmeros rios, riachos, cachoeiras, lagos e o mar, não ficou imune aos malefícios resultantes da opção desenvolvimentista. O litoral brasileiro, além de ser transformado num local de despejo dos dejetos industriais, constituiu-se num lugar privilegiado à caça de baleias para fins comerciais. Convergentemente com as motivações dos movimentos ambientalistas que mundialmente lutavam em defesa da proibição da caça do grande mamífero, no ano de 1981, Roberto Carlos e Erasmo Carlos, ao cantarem “As baleias”, contribuíram para o alargamento da crítica à mortandade, patrocinada em nome do desenvolvimento, desta importante espécie animal:

Não é possível que você suporte a barra  
De olhar nos olhos do que morre em suas mãos  
E ver no mar se debater o sofrimento  
E até sentir-se um vencedor nesse momento

Não é possível que no fundo do seu peito  
Seu coração não tenha lágrimas guardadas  
Pra derramar sobre o vermelho derramado  
No azul das águas que você deixou manchadas

Seus netos vão te perguntar em poucos anos  
Pelas baleias que cruzavam oceanos  
Que eles viram em velhos livros  
Ou nos filmes dos arquivos  
Dos programas vespertinos de televisão

Os rios e o mar, ao serem transformados em depósitos dos resíduos derivados das atividades industriais e agroindustriais, foram sendo poluídos e contaminados por

inúmeras substâncias tóxicas. Em 1989, com o seu “Xote ecológico, Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga, impactados pela morte de Chico Mendes, demonstraram os malefícios gerados pela poluição das terras e das águas:

Não posso respirar, não posso mais nadar  
A terra tá morrendo, não dá mais pra plantar  
Se planta não nasce se nasce não dá  
Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava ali?  
Poluição comeu.  
E o peixe que é do mar?  
Poluição comeu  
E o verde onde que está?  
Poluição comeu  
Nem o Chico Mendes sobreviveu

Diante de um contexto preenchido pela crescente degradação ambiental, as lutas ecológicas no Brasil expandiram-se através da atuação do seringueiro Chico Mendes. Portador de profundo compromisso com a vida na floresta, Chico Mendes, como diz Gonçalves (2002, p 159), “conseguiu educar uma boa parcela de ambientalistas, inclusive do primeiro mundo, colocando uma perspectiva própria, original, para a problemática ambiental, uma perspectiva mais complexa em que a problemática social e do modo de vida (cultura) aparecem imbricadas à defesa da natureza”.

Incansável lutador, Chico Mendes construiu parcerias com vários segmentos da sociedade brasileira e mundial. Em 1987, ao ser anfitrião da delegação da Organização das Nações Unidas em Xapuri, no Estado do Acre, denunciou com veemência o desmatamento da floresta amazônica. Também falou para o Senado dos Estados Unidos e para o Banco Interamericano de Desenvolvimento, tornando-se ganhador do Prêmio Global 500 da ONU. Por contrariar os interesses das elites econômicas e políticas locais, constituídas principalmente por fazendeiros e madeireiros, Chico Mendes foi assassinado em dezembro de 1988, transformando-se em mártir internacional das causas ecológicas. Um ano após o assassinato deste líder exemplar, Almir Araújo e Marquinhos Lessa compuseram um “Louvor a Chico Mendes”, que continua ecoando como uma convocação à defesa dos bichos, das plantas e dos povos habitantes das florestas:

Chico onde houver uma vida  
Sua voz será ouvida  
Como força de oração  
Do amor pela terra

Que não se encerra num coração  
Sou mais um nessa guerra  
Quebrando a serra da devastação...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEDÁRIDA, Françoise. Tempo presente e presença na história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Meio Ambiente, Ciência e Poder; diálogo de diferentes matrizes de racionalidade. In: SORRENTINO, Marcos (Coord.) *Ambientalismo e participação na contemporaneidade*. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2002.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. 3ª ed. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F, da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

MARTINS, José de Souza. A vida privada nas áreas de expansão da sociedade brasileira. In: NOVAIS, Fernando A. (Dir.); SCHWARCZ, Lilia, Moritz (Org.) *História da vida privada 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

SHIVA, Vandana. Recursos Naturais. In: SACHS, Wolfgang (Org.) *Dicionário do desenvolvimento*. Tradução de Vera Lúcia M. Joscelyne, Susana de Gyalokay e Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.

SHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do belo*. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP. 2003.

## REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICAS

ARAÚJO, Almir; LESSA, Marquinhos [compositores]. "Louvor a Chico Mendes". In: *Simone*. Rio de Janeiro: CBS, 1989. 1 LP. Lado B, Faixa 11.



CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo [compositores] “As baleias”. In: *Roberto Carlos*. Rio de Janeiro: Sony Music. 1981. 1 CD. Faixa 1.

BATISTA, Aguinaldo; GONZAGA, Luiz [compositores]. “Xote Ecológico”. In: GONZAGA, Luiz. *Vou te matar de cheiro*. Rio de Janeiro: EMI. 1989. 1 CD. Faixa 7.

FARIAS, Vital [compositor]. In: FARIAS, VITAL. “Saga da Amazônia” In: FARIAS, Vital. *Sagas brasileiras*. Rio de Janeiro: Lança/Polygram, 1977. 1 LP. Lado B, Faixa 1.

JATOBÁ [compositor]. “Matança” In: XANGAI (Eugênio Avelino). *Qué qui tu tem canário*. Rio de Janeiro: Estúdio de Invenções. 1981. 1 LP. Lado B, Faixa 2.

OLIVEIRA, Rosenberg [compositor]. “Mundo cidade”. In: CANTA BAHIA – *Seletiva do Sudoeste 1995*. Vitória da Conquista: TV Sudoeste: 1995. 1 CD. Faixa 13

SÁ, Luiz Carlos; GUARABIRA [compositores]. In: SÁ E GUARABIRA. *Pirão de peixe com pimenta*. São Paulo: Som Livre, 1977. 1 LP. Lado A, Faixa 1.